

TEATRO DO IMPROVISO:

FREUD, MORENO e DORA

Teatro-Psicodrama

Ficção histórica

(Viena, 1900-1915)

Peça em dois atos

José Fonseca

Personagens:

Dora

Pai

Mãe

Freud

Sra. K

Sr. K

Moreno

Personagens potenciais:

Governanta

Irmão

Fliess

E todos os que forem criados no II Ato

I ATO

(Teatro)

Cena 1

(Alguém *anuncia: Ano de 1915*)

(*Cenário: Espaço aberto. Uma placa: “Parque Augarten - Viena”. O jovem Moreno (26 anos), traja uma capa longa, até quase os tornozelos, verde-escuro. Está como que olhando crianças brincarem. Dora [aparentando cerca de 30 anos] passa, volta alguns passos e o aborda.*)

Dora: O senhor é o Dr. Jacob Levy?

Moreno (*Fala sempre em tom meio discursivo, entusiasmado, levemente hipomaniaco.*): Sou eu, mas pode me chamar de Moreno. E eu ainda não sou médico, me formo no ano que vem.

Dora: Eu sou Ida Bauer, mas pode me chamar de Dora. Eu ouvi dizer que o senhor ajuda as pessoas...

Moreno: Eu tento, eu tento. Eu e alguns amigos, entre eles o Chaim Kellmer, a senhora conhece o Chaim?

(*Dora acena com a cabeça que não.*)

Moreno: Grande homem, grande homem! Nós fundamos a religião do

encontro, a casa do encontro. Ajudei as prostitutas a se organizarem em uma espécie de sindicato. Há algum tempo tento fazer com que estas crianças (*Aponta para o parque.*) desaprendam as velhas historinhas infantis, modifiquem-nas, criem outras. Abaixo as conservas culturais, abaixo as conservas! Aqui as crianças fazem pequenos jogos, como sair pela praça em busca de “novos pais”. A senhora não imagina, o Chaim me escolheu como seu “novo pai”! Aqui eu ensino a desobediência. Ela é tão ou mais importante que a obediência.

Dora: Mas não é perigoso?

Moreno: Quem não arrisca não petisca, minha senhora, ou seja, quem não ousa, cristaliza. Quem não viaja na espontaneidade, não cria. E em breve, minha jovem senhora, estarei indo para o campo de refugiados de Mittendorf. Aquilo está uma bagunça! Vou tentar organizá-los em grupos segundo as atrações, rejeições e neutralidades. A senhora não faz idéia como as redes microssociais...

Dora (*Corta a suposta longa explicação que ele iria dar sobre sociometria.*): O que me traz aqui é que continuo sofrendo dos mesmos sintomas. Há quinze anos eu tentei a psicanálise com o Dr. Freud, mas eu não tenho nada de bom a dizer da análise.

Moreno: A senhora me parece mesmo uma pessoa inteligente. Qualquer coisa que o dr. Freud possa ter feito com a senhora, por princípio, sou contra, sou contra! Mas, enfim, o que lhe aconteceu?

(Música de fundo. Aparece a silhueta de Dora contando e as reações assustadas, um pouco exageradas de Moreno.)

Cena 2

(Espaço aberto. Supostamente na sala. Os pais sentados, Dora [adolescente] em pé.)

Dora *(Andando nervosamente.)*: Eu já disse e repito: vocês têm que despedir a nojenta da governanta. E o casal K não deve mais pôr os pés nesta casa. *(Tosse, tosse.)* Eles são indignos! *(Tosse e depois, num misto de ironia, agressividade e malícia, diz:)* Ela, a dona K, o senhor sabe por quê, não é papai...? *(Pequena pausa para observar a reação do pai, que se encolhe um pouco.)* E ele porque é nojento, pegajoso! *(Tosse, tosse, começa a respirar cada vez mais forte, escorrega para o chão, geme, se contorce, faz movimentos convulsivo-sensuais.)*

(Crise hístico-convulsiva.)

(Os pais socorrem-na e depois a ajudam a se retirar da sala.)

Cena 3

(Pai e mãe retornam à sala.)

Pai: Eu não sei mais o que fazer...

Mãe *(Aparência frágil, meio ausente, desmontada.)*: Philip, eu já lhe

falei... Ela jura que o Sr. K tentou agarrá-la de novo. Ela diz também que você e a Sra. K... Bem, deixa isso pra lá... Você conversou com o Sr. K?

Pai: Conversei. Ele é um homem respeitável. Eu o conheço há muitos anos. Ele seria incapaz de uma coisa dessas. Ele acha, como eu, que existe um excesso de fantasias. Ela tem lido livros lúbricos! Está tomada por devaneios eróticos. E você lembra como até pouco tempo ela era apaixonada pelo Sr. e pela Sra. K? Agora ficou rancorosa e passa horas fechada nesse quarto. Sabe-se lá pensando ou fazendo o quê!

Mãe: O que me deixa mais preocupada é o bilhete que encontrei no quarto dela dizendo que iria se matar. Que se sente só, abandonada... Faz dois anos que estivemos no consultório do Dr. Freud, não seria o caso de procurá-lo novamente?

Cena 4

Consultório do Dr. Freud

(O cenário se divide em três partes. No centro está o consultório, à direita da plateia passam-se as cenas em flash back e à esquerda a comunicação de Freud com Fliess. Quando a cena se desenrola numa das partes, as demais permanecem na penumbra.)

Dora: O que acontece, Dr. Freud, é que existe uma conspiração familiar. Ninguém acredita em mim. Eu passo por louca, mas loucos são eles que fazem de conta que nada existe.

Freud: O que existe?

Dora: O Sr. e a Sra. K são amigos de meus pais, quer dizer, do meu pai, porque minha mãe não apita nada.

Freud: Apita?

Dora: Não manda nada. É uma tonta. Só pensa em arrumar a casa, lavar e passar. Eu acho isso um absurdo. Mas os homens são no mínimo cúmplices dessa situação da mulher. Eu não acho justo que os homens submetam as mulheres dessa forma...

Freud (*Tentando acalmá-la.*): Bom, bom, bom, Dora, vamos ao que interessa!

Freud (*Em solilóquio.*): Tão jovem e já com essas ideias feministas...

Dora: Então, eu era apaixonada por eles, pelo Sr. e pela Sra. K

Freud: Apaixonada.

Dora: Sim, eles eram meus ídolos. Eu pensava que quando crescesse seria igual à Sra. K. e queria um marido igual ao Sr. K. Ela parecia boa, compreensiva. Era amiga. Conversava comigo como se eu já fosse grande. E era linda!

Cena 5 lateral direita.

(A Sra. K se trocando diante de um suposto espelho. Abre o vestido e fecha-o, de maneira que Dora possa ver seu corpo.)

Sra. K: Estou bem?

Dora: A senhora é linda. A senhora tem um corpo maravilhoso! Posso ver de novo? *(A Sra. K repete o gesto.)*

Volta ao consultório

Freud: E agora não é mais linda?

Dora: Agora eu acho que ela é uma bruxa, horrorosa, nojenta como ele.

Freud: Mas como aconteceu essa transformação tão radical? De ótimos, eles passaram a horrorosos!

Dora: Tudo começou quando eu tinha catorze anos.

Cena 6 lateral direita

Sr. K: Dora, você está ficando uma mulher muito bonita!

Dora: Ah, eu ainda não sou completamente mulher... Bonita é a sua mulher, a Sra. K.

Sr. K: Você é mais bonita do que ela. Só de te ver eu sinto algo estranho! Vem aqui, Dora!

(Agarra Dora, prende-a junto ao corpo e a beija na boca.)

(Dora é tomada pela surpresa mas logo luta e consegue se libertar do abraço. Apresenta através de um gesto — passando a mão na boca — uma reação de nojo.)

Volta ao consultório

Freud: Mas antes do nojo, o que a senhorita sentiu?

Dora: Só nojo, Dr. Freud, só nojo. Aquela boca molhada (*De forma dúbia.*) Ai, não consigo esquecer...

Freud: Mas até o momento do beijo a senhorita gostava dele, o admirava, o 'amava'. É mais fácil entender que a senhorita tenha sentido orgulho de um homem mais velho desejá-la. O nojo esconde o prazer, o gozo que aquele momento proporcionou.

Dora: Não, Dr. Freud, não.

Freud: Eu compreendo que a senhorita estivesse apaixonada por esse atraente cavalheiro, porém negasse para si mesma o seu desejo por ele.

Dora: Acho que o senhor não está me entendendo!

Freud: Mas, e depois?

Dora: Depois eu fui descobrindo as coisas com a ajuda da governanta. Ela é bem mais velha do que eu, é experiente. Ela foi me abrindo os olhos para algumas coisas. E eu fui descobrindo outras.

Freud: Por exemplo?

Dora: Por exemplo, que a Sra. K é amante de papai há muito tempo...

Freud: Mas a senhorita não disse, em outra sessão, que seu pai é impotente?

Dora: Mas Dr. Freud, o senhor sabe, não existe somente uma maneira,

‘convencional’, de se fazer sexo!

Freud: Você está insinuando que, vamos assim dizer (*Coça a cabeça*), que eles praticassem sexo oral?

(*Dora tosse várias vezes como assentimento.*)

Freud (*Em solilóquio.*): Mas como uma menina que menstruou pela primeira vez há um ano já sabe essas coisas todas?

Dora (*Como se tivesse escutado.*): Eu conversava sobre sexo com a governanta. Agora não converso mais porque descobri que ela também é apaixonada pelo meu pai e era minha amiga só por interesse, para fazer intrigas. Além disso, eu li o livro de Mantegazza: *Fisiologia do amor*.

Freud (*Surpreso.*): Mantegazza, o discípulo de Krafft-Ebing?

Dora: Exatamente!

Freud (*Mais para si mesmo do que para ela.*): Eu não acredito!
(*Retomando o diálogo.*) Mas a senhorita disse que a governanta ‘também’ é apaixonada pelo seu pai. (*Insinuando que Dora também seria. Em seguida faz um gesto indicando que acertou na mosca.*)

Dora: Ela e a Sra. K, Dr. Freud! O senhor está querendo insinuar que eu sou apaixonada pelo meu pai. Eu li no jornal uma entrevista onde o senhor fala da paixão das filhas pelos pais. É, mas não é o meu caso, não. Sabia que tem gente que acha que o senhor é meio maníaco por essas coisas?

Freud: Claro, você diz não sentir atração física pelo seu pai, mas pode sentir por um substituto dele, o Sr. K.

Dora: Xi, vai começar tudo de novo! Dr. Freud, ele é um homem sem dignidade. Eu não o admiro mais. Eu quero me apaixonar por um homem honesto, que eu possa admirar, sentir orgulho. Ele sabe que meu pai é amante da mulher dele e aceita isso por interesses comerciais. Meu pai compra o direito de ser amante da mulher dele. E agora estão querendo me colocar nessa trama. O meu pai “não acredita” que ele tenta me seduzir e o Sr. K “não acredita” que a mulher dele é amante de meu pai. Eles querem que eu entre nessa troca, nessa barganha de mulheres. Eles são todos cúmplices. Eu não tenho aliados naquela casa. Preciso que o senhor acredite em mim.

Freud: Não digo que isso não possa ser verdade, mas estou interessado em revelar uma outra verdade, a verdade do seu inconsciente.

Cena 7 lateral à esquerda

(Freud senta-se e começa a escrever.)

Freud: Ah meu caro Fliess, como é bom ter com quem conversar! Recomendo um Fliess interno para todos, uma grande orelha que te escuta, como dirá no futuro aquele... *(Parece que vai dizer “Lacan”, mas não sai.)* aquele... Veja essa menina *(Aponta para o lado do divã.)*: uma “*petite histerique*”. Há três anos sofre de tosse nervosa, afonia, rouquidão, tristeza, insociabilidade, “*taedium vitae*”. Agora tem desmaios, pensamentos sombrios, hostilidade, ideias de morte. O

pai, coitado, a quem tratei de sífilis há alguns anos, me confidenciou que a menina o pressiona a romper com o casal K. Mas ele ponderou: “Dr. Freud, isso eu não posso fazer, já que, em primeiro lugar, acredito que a história das insinuações imorais contra K constitui uma fantasia que entrou na cabeça de minha filha. Além do mais, estou ligado a *Frau* K por laços de honorável amizade... Mas Dora, que herdou minha teimosia, está emperrada em seu ódio pelos K”. Meu caro Fliess, você sabe o que é o “rancor das histéricas”. Você precisa ver que além dos elementos homossexuais — por exemplo, “seu corpo maravilhoso” é uma expressão mais apropriada para uma amante do que para uma rival — aparece o que chamo de “ginecofilia”, um amor generalizado pelas mulheres e também um interesse exagerado pelos direitos da mulher. Ela inclusive tem assistido a palestras feministas! A tosse e afonia podem ser rastreadas até o tipo de sucção do bebê, e a questão principal nos processos de pensamentos conflitantes é o contraste entre uma inclinação para os homens e uma inclinação para as mulheres. A mãe que é descrita pelo pai como ruim de cama é portadora da síndrome que chamo de ‘psicose da dona de casa’: desinteresse pelos filhos, mania obsessiva de limpeza, frigidez e total falta de “*insight*” sobre si mesma. Certa vez, o Sr. K esteve em meu consultório acompanhando o pai de Dora, quando do tratamento da sífilis. Bonitão ele! Um belo homem, viu! O interesse erótico de um homem atraente como K certamente teria que suscitar numa garota inocente de catorze anos um claro sentimento de excitação sexual. O

normal seria que ela cedesse ao assédio sexual; ou seja: no fundo, no fundo, ela quer... E depois, Fliess, segundo meus estudos anteriores, classifico, sem hesitar, como histérica toda pessoa na qual uma excitação sexual provoque nojo na ocasião.

(Voltando ao consultório.)

Dora: Desculpe Dr. Freud, mas o cheiro do charuto está muito forte, eu estou começando a ficar enjoada, dá um pouco de nojo!

Freud *(Virando-se na direção do escritório.)*: Fliess, escuta essa, agora a coisa está virando para o meu lado! *(E retomando com Dora.)* Pois não, pois não. *(Apaga o charuto.)*

Dora: Mas, como eu ia dizendo, Dr. Freud, eu não sou mais a menina bobinha que eu era. Há um ano, quando eu já tinha dezesseis anos, o Sr. K e eu fomos passear na floresta, quero dizer, no lago.

(O Dr. Freud ri e bate a mão na coxa com o ato falho de Dora.)

Cena 8 lateral direita

Sr. K: Sabe Dora, meu casamento praticamente não existe mais.

Dora: Como assim?

Sr. K: Você sabe, “nada obtenho”, ...assim, você entende..., minha mulher não significa nada para mim.

(Ao escutar isso, Dora dá uma forte bofetada no rosto de K e olha para ele surpreendida com o próprio ato.)

Voltando ao consultório

Dora: Ah, Dr. Freud, dei uma bofetada para valer!

Freud (*Pensativo.*): Deu prazer nisso?

Dora: Foi algo que veio de dentro, fiz sem pensar. Quando ele falou que a Sra. K nada significava para ele fui tomada por uma raiva e um grande desprezo por ele. Como ele poderia ter dito isso de uma mulher que eu então achava maravilhosa!

Freud: O prazer da agressão foi como um gozo...

Dora: Dr. Freud, me poupe. O senhor só pensa nisso?

Freud (*Meio desapontado.*): Bem, quem sabe então possamos trabalhar algum sonho... (*Orgulhoso.*) Eu sou bom nisso! Acabo de escrever um livro sobre sonhos!

Dora: Está bem. Eu sonhei que uma casa estava em chamas. Meu pai, de pé junto à minha cama, me acorda. Eu me visto rapidamente. Minha mãe queria salvar a caixinha de joias, mas meu pai dizia: ‘Nego-me a morrer queimado junto aos meus dois filhos por causa da sua caixinha de joias’. Descemos depressa as escadas e acordei quando estava fora da casa.

Freud: O que você associa a essa caixinha de joias?

Dora: O Sr. K. me deu uma caixinha dessas, um presente caro, aliás!

Freud: A senhorita sabe que “caixinha de joias” é uma expressão que remete aos órgãos genitais femininos...

Dora: Eu sabia que o Sr. ia dizer isso!

Freud: Isto é, *você* sabia. O significado do sonho está ficando ainda mais claro. A senhorita disse a si mesma: O homem está me perseguindo, ele quer avançar até meu quarto, minha “caixa de joias” está em perigo e, se acontecer algo de ruim, é por culpa do meu pai. Foi por isso que a senhorita adotou no sonho uma situação que expressava o oposto, um perigo do qual seu pai a salva. Nessa região do sonho tudo é convertido em seu contrário; você logo vai saber por quê. O segredo certamente reside em sua mãe. Como sua mãe entra aqui? Ela é, como a senhorita sabe, sua antiga rival pelas atenções de seu pai.

(Dora faz com a mão um sinal, indicando de que Freud está indo mais ou menos.)

Freud: Assim a senhorita está disposta a dar de presente aquilo que a mulher dele lhe recusa. Aqui a senhorita tem um pensamento que é reprimido com tanta força que exige a conversão de todos os elementos em seus opostos. Como lhe disse, o sonho confirma que a senhorita está evocando o velho amor que nutre por seu pai, a fim de proteger-se de seu amor pelo Sr. K. Mas o que todos estes esforços provam? Não só que a senhorita teme o Sr. K, mas que teme ainda mais a senhorita mesma, a tentação de entregar-se a ele. *(Faz uma pausa e diz, de modo triunfante:)* Estamos na nossa hora.

(Dora retira-se com ar de cansada, desolada. Abana a cabeça.)

Freud (*Em solilóquio.*): Não entendo por que ela não gostou. Modéstia à parte, eu fui brilhante!

(*Os dois saem de cena e retornam para dar ideia de que se inicia outra sessão.*)

Dora (*Sorridente, quase vitoriosa, anuncia.*): Dr. Freud, hoje é 31 de dezembro de 1900, nossa última sessão! Estou interrompendo o tratamento. Século novo, vida nova! Eu agradeço o que fez por mim. Eu sei que o senhor se esforçou. Mas eu queria um apoio, alguém para compartilhar minhas angústias. Alguém que acreditasse em mim.

Freud: Minha função como analista é revelar seu inconsciente. Somente assim a senhorita poderá superar seus sintomas. Enquanto a senhorita negar os sentimentos profundos que abriga dentro de si não irá melhorar.

Dora: Então continuo sozinha na minha casa, no meu quarto, com minhas leituras. Eu queria um aliado. Em alguns momentos o senhor quase foi meu aliado, mas depois... Ninguém me compreende... Talvez meu irmão Otto, com suas ideias socialistas... Ele é do Partido Socialista Austríaco. Ele tem me falado da falsidade da família burguesa e das injustiças do sistema capitalista.

Dora: (*Levanta-se do divã, está comovida. De maneira amistosa estende a mão.*): Dr. Freud, agradeço sinceramente e desejo ao senhor

muito sucesso no ano novo, no novo século! (*Sai de cena.*)

(Freud fica em silêncio, parado. Esse silêncio tem que repercutir na plateia. Volta-se lentamente e, com os ombros um pouco curvados, dirige-se para a escrivaninha e escreve.)

Cena 9 lateral esquerda

Meu caro Fliess, ela interrompeu o tratamento. Foi embora, assim... sem mais nem menos. Foram somente onze sessões. Confesso que fiquei desapontado, triste mesmo. Eu sei que a resistência da paciente pode explicar o abandono. Mas na verdade não me assenhoreei da transferência. Esqueci de tomar a precaução de prestar atenção aos primeiros sinais de transferência. A transferência deixa agora de ser somente resistência. Pareceu-me que a reprovação ao pai e ao Sr. K ocultava sua própria autorreprovação. Aquela lógica acusatória escondia uma paixão profunda. Em alguns momentos, estive disposto a acreditar no que dizia, mas para a psicanálise a verdade psíquica vem antes da verdade histórica. Ela sentia minha neutralidade como falta de aliança. O progresso da psicanálise neste novo século trará as respostas que ainda não tenho. A coisa mais interessante, para nós, no novo século, talvez seja o fato de ele conter a data de nossa morte... Fliess, (como terminando um discurso) vou partir para a sublimação: escrevo sobre o caso e transformo o fracasso clínico em um triunfo científico.

Cena 10

Retorno ao Jardim Augarten (continuação da cena 1).

Moreno (*em tom discursivo.*): Mas a senhora deveria ter seguido suas tendências feministas e socialistas. A senhora teria chegado à sua identidade mais profunda e se livrado de seus sintomas. Uma cura social, social! Pois não se tratava de uma doença individual e sim grupal, familiar, social. A senhora não era a única doente. Doente era a rede relacional. Meu Deus, um mar de transferência! Podemos fazer uma sessão aberta, um teatro espontâneo aqui mesmo no parque. Retrocederemos ao passado, à sua adolescência, à sua casa, à sua família. Todos os envolvidos nesse sexteto (faz um trocadilho e pronuncia “sex-teto”) terão que participar. Até o Dr. Freud virá. Faremos um “teatro recíproco”, uma “*milieu thérapie*”, isso que no futuro irão chamar de terapia de família. O verdadeiro símbolo do teatro terapêutico é o lar. Alias escrevi um pequeno texto sobre isso.

(Puxa um maço de papéis amarfanhados do bolso da túnica e lê)

Aqui surge o teatro em seu mais profundo sentido, porque os segredos mais bem guardados resistem violentamente a ser tocados e expostos. A primeira casa, o lugar onde começa e termina a vida, a casa do nascimento e a casa da morte, a casa das mais íntimas relações pessoais, converte-se num palco e cenário. O proscênio é a porta da frente, a janela e a sacada. A plateia está no jardim e na rua. Quando duas pessoas vivem juntas e se encontram diariamente, então começa a

verdadeira situação teatral. Mas desse labirinto de complicações com pai e mãe, esposa e filho, amigo e inimigo, acumulado no decorrer de uma vida inteira, que acaba se convertendo no próprio mundo da pessoa, em virtude de compreensões e incompreensões, surge finalmente uma interrogação: como poderão ser salvos? E todos deveriam ser salvos porque todos são genuínos, partes da existência que surge espontaneamente. É isso o que pode ser feito através do último teatro: o teatro terapêutico. Mas essa louca paixão, essa revelação da vida no domínio da ilusão, não funciona como renovação do sofrimento; pelo contrário, confirma a regra geral: toda segunda vez verdadeira é a libertação da primeira. A primeira vez faz com que a segunda vez redunde em riso. É a forma final do teatro.

(Moreno abre os braços como se estivesse recebendo aplausos).

Dora: Puxa, o senhor falou bonito! Mas será que esse seu método funciona mesmo, será que cura?

Moreno: Minha jovem senhora, eu não estou preocupado com a cura. Eu estou é preocupado com a fluência da espontaneidade entre as pessoas. A senhora até poderia ter continuado com a sua neurose desde que tivesse transformado criativamente sua forma de se relacionar consigo mesma e com os outros. Teria sido também a possibilidade das outras pessoas, seu pai, sua mãe, o Sr. e a Sra. K, flexibilizarem os vínculos esclerosados que os uniam.

Dora: Então, gostaria que essa tal sessão-reunião acontecesse “como

se” fosse na casa de meus pais, quinze anos atrás...

Moreno: Excelente, excelente! A senhora apreendeu perfeitamente o sentido de minhas palavras! A senhora é uma psicodramatista nata! Na casa de seus pais, exatamente! Psicodrama *in situ*. Como eu disse, em seu *locus*. Sra. Dora, sinto que temos afinidades. Aliás, é uma pena que já seja casada, pois eu ando a procura de uma musa (faz cara de romântico, apaixonado) que inspire minha vida, minha obra. Mas isso é outra história, que fica para outra vez. Então está combinado: na casa de seus pais. Espero que todos estejam lá!

(A cena vai escurecendo. Um spot foca o diretor do teatro espontâneo-psicodrama. Ele explica que esta “noite (ou tarde) se improvisa”. Tanto os atores regulares como os atores espontâneos emergentes da plateia farão o II Ato. Agora a criação pertence a todos. Todos passam a ser autores e atores. A cena vai se iluminando de novo. Veem-se as cadeiras vazias, que serão ocupadas pelos personagens, dispostas em semicírculo. O diretor “aquece” a plateia e começa a preencher as cadeiras. Depois desta cena intermediária outras podem se suceder.)

II ATO

(Teatro espontâneo, psicodrama)

Criação coletiva

Um psicodramatista dirige a segunda parte. Ele promove o aquecimento da plateia para que novas cenas sejam criadas. Os elementos do público passam então a ser protagonistas e os atores egos-auxiliares. As cenas vão se sucedendo ao sabor da espontaneidade-criatividade.

FIM

Fontes de consulta

FREUD, S. “Análisis fragmentario de una histeria”. *In: Freud, S. Obras Completas*, vol. II. Madri, Biblioteca Nueva, 1968.

GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

MASSON, J. M. (ed.). *Correspondência Sigmund Freud-Wilhem Fliess*. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo, Cultrix, 1993.

RODRIGUÉ, E. *Sigmund Freud. O século da psicanálise: 1895-1995*. Escuta, São Paulo, 1995.